

# A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St.ª Anna

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

Propriedade da Empresa do jornal "A PATRIA,"

Composição e impressão — IMPRENSA CIVILIZAÇÃO

de Viuva Lemos & Gonçalves

RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219 — PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis

Permanentes e reclames a preços convencionaes.

Comunicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento

## ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre	500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre	600 »
Brazil, semestre	700 »
Avulso	20 »

## Sempre a garra jesuitica

Quando estas linhas virem a publicidade, não terão decorrido vinte e quatro horas sobre a data anniversaria do maior e mais sangrento desastre das armas portuguezas.

Foi effectivamente a 4 de agosto de 1578 que um rei moço, fanatico, louco e aventureiro, pagou com a vida nas plagas de Alcacer-Kibir, junto ao rio Macazen, a insensata teimosia de querer corôar-se imperador de Marrocos. Começa tambem n'aquella data o periodo agonico de Portugal e não tardará que a corôa portugueza, tantas vezes victoriosa e engastada de tantos heroicos feitos, desapareça pela sobreposição da de Philippe II. Morto o rei sem descendencia e succedendo-lhe um velho estonteado e cachetico sem capacidade para a ter, escravizada ainda a maioria dos cerebros ao preconceito da hereditariedade, foi o Paiz parar ás garras de Castella!

Eu lhes conto.

Achava-se o reino á mercê dos jesuitas.

Jesuitas eram alguns fidalgos da primeira nobreza, jesuitas eram os educadores da mocidade e do espirito de Loyola estavam imbuidas as principaes familias, que podiam intervir nos negocios do Estado. Um jesuita confessava a rainha, outro o Cardeal e um terceiro o rei, que tinham educado a seu talante. O padre Luiz Gonsalves da Camara era o Mestre e um seu irmão o *Escrivão da Puridade*.

O joven rei era joguete da astucia e planos da Companhia, que acalentava o seu temperamento morbido, quer radicando-lhe uma exagerada piedade, quer incitando-lhe os sonhos aventureiros. A cenavam-lhe com a miragom de ganhar o ceu na caça da *mourama*, assooprando-lhe ao mesmo tempo a vaidade de cingir a corôa de Marrocos!

Incutiram-lhe no animo, que a castidade era a virtude suprema, fazendo-lhe aborrecer a mulher e amar o celibato. E assim quando as razões de Estado exigiam o casamento do rei, não era difficil obter d'este a formal recusa, que muito convinha aos occultos planos da Companhia.

Para maior segurança obtém de Roma um *breve*, que punha obstaculos a um projectado casamento com uma princeza de França, e, ao virarem-se as negociações para Castella, mandam dizer a Philippe, que D. Sebastião era impotente.

Envolvido n'esta rêde de malhas apertadas, o rei era surdo a tudo que não fosse os sonhos suggeridos!

Tinha uma avó, D. Catharina, que via com lucidez a nefasta influencia, de que estava cercado o neto, mas que foi affastada da côrte para o não importunar com os seus salutaros conselhos! Morreu, rogando a Deus e pedindo aos homens, que desviassem o rei da temeraria jornada d'África!

E o rei moço, inexperiente, tomado do insensato amor de uma gloria mais que hypothetica, lá se embarcava para Marrocos com a fina flôr da fidalguia portugueza e com uns milhares de peões, que elle proprio *tramára* em correrias por Lisboa!

E tudo ficou morto ou prezo pela *mourama*!

E o rei tivera uma avó, que muito lhe queria, a qual o tentára dissuadir de tão imprudente jornada!

E os seus conselhos não foram escutados e a sua voz foi arredada dos ouvidos do monarcha!

E o rei tiverá um tio, que, *agora* desilludido, tambem quizera afastar a desgraça da sua cabeça, recusando a regencia do reino na sua ausencia!

E o tio foi arremessado para Alcobaca, como velho insensato!

E a jornada foi terrivelmente desastrosa, e o reino caiu nos gryphos do leão de Castella!

E os vexames foram sem conta, e as extorsões sem medida!

E as melhores perolas do nosso immenso dominio colonial passaram ao poder dos estrangeiros!

E os jesuitas continuaram a viver regaladamente, fruindo o preço da sua obra, porque não tinham patria nem reconheciam familia!

Hoje temos tambem um rei menino e moço, inexperiente, sem o genio aguerrido, que nos faça correr o perigo de aventuras pela Africa, mas que dizem coleiado na teia jesuitica,

frequentando os sacramentos, e caindo em extasis mysticos no tempo, que devia applicar ao estudo dos problemas nacionais.

E o moço-rei tem tambem uma avó, que dizem liberal e desaprova a reacção da côrte!

E a radioza mocidade tem um tio *estoiro vergas*, mas que tem o bom senso de desadorar a clericalha e que d'ella lhe aconselha a emancipação!

E a reacção vae medrando e estende ousadamente os tentaculos por todo o paiz!

Reaccionarios são os professores de ensino superior, reaccionario é a magistratura, reaccionario é o exercito, reaccionario é o clero, reaccionario é a côrte, reaccionario é o....

E os jesuitas de posse de throno a empurrar esta Polonia para o abysmo da perdição!

E o povo apathico e o paiz á orla da bancarrota!

E a *judiaria* da finança a querer salvar o seu capital o a administração estrangeira a explorar esta grande *roça*!

Que terrivel pezadello nos evoca os desgraçados tempos da dependencia!

Lá fóra pia uma coruja, que vem de beber o azeite da lampada do Senhor, extinguindo a luz! Mau agouro!

Ezequiel.

## ECHOS DA SEMANA

### Um protesto

Quando, inabilmente, se defendia uma ou outra vez o convenio Lourenço Marques—Transvaal, um ou outro dos defensores vinha com o peregrino argumento de que, pelo menos, para a colonia e para a cidade esse tratado era indispensavel pois que, lá, o exijiam. Agora, pelo correio, e pedindo a nossa atençaõ chega-nos ás mãos um «Protesto» da população de Lourenço Marques, com o subtítulo frizante de «Abaixo a convenção de 1 de abril! Abaixo a tutela ingleza!»

N'esse «Protesto» é mais uma vez, e lucidamente, analizado o tratado que é julgado com a severidade de periodos como estes que extratamos:

«Isto é simplesmente horroroso para o futuro da provincia de Moçambique; tem a terribilidade da legenda dantesca.

Assim já nem nos resta a esperança de que, passando sob as forcas caudinas de tão horrorosa convenção, poderiamos nos dez anos da sua vijencia respirar um pouco, recuperando no desenvolvimento das nossas industrias a recompensa de tantos favores prestados por tanto tempo ao nosso vizinho Transvaal.»

«Não cabe nos acanhados limites d'um protesto que se reduz a expôr em globo uma opinião, discutir artigo por artigo esse documento indecoroso para os nossos brios, embora o ensejo fosse muito azado para que todos, lá fóra, conhecessem as razões em que se bazeia a cidade de Lourenço Marques para rejeitar a convenção de 1 de abril, que, para faltar a todas as formalidades do estilo em documentos de tal natureza, até omite a troca e verificação da validade de poderes d'aquelles que a firmaram, em nome dos seus respectivos governos.

Irrito e nulo na sua forma e na sua substancia, prejudicialissimo nos seus efeitos para a provincia de Moçambique, esse contracto merece uma severissima reprovação de todos os portuguezes que prezam a sua patria.»

Ahi teem esboroado o derradeiro, pobre argumento. Lourenço Marques reprova o tratado e, pelo menos, com enerjia não inferior á dos portuguezes que na metropole o atacaram.

Mas... não o duvidemos, ainda haverá quem d'ele se ufane: «este nosso poema não tem fim».

### Lei de imprensa

Por ofensas aos reis de Portugal e da Belgica (diz a sentença) foi o nosso confrade da «Republica» dr. Artur Leitão condemnado a 60 dias de cadeia e á multa de 15\$000 reis, alem dos selos do processo. E' a tal cecelerada que um espirito diabolico sujeriu a um cumplice do *malfeitor*, lei monstroza que é uma inquisitorial arma de ataque do poder contra a liberdade.

Ligaram a ela o seu nome, como a um poste de infamia, os renegados filhos dos Passos, por ahi chamados — os progressistas; aceitaram-na como um dezagravo ao divino, por ahi, os frades e companhia. Prometeram combater-a sem treguas todos os mais partidos monarchicos e como todos eles são liberaes d'extrato vermelho vão-a deixando de pé para serviço da coroa e dos Jesuitas, alem do provento... proprio. Uns videirões de uma cana!...

### O monstro

Nicolau II que tem andado em cruzeiro, divertindo-se pelos mares do Norte, tem verificado, directamente, que a consciencia humana está lonje, afortunadamente, de se parecer com um carcereiro das solidões siberianas. Quiz o Czar desembarcar em Londres, passear, sêr homem por uns minutos, e quiz fazer-lhe a vontade o amavel governo britânico. O povo de Londres, da Inglaterra em pezo, rudemente, indignado, *tout court* — não lho consentiu.

Lembrou-se o Czar da Italia, a patria do sol, da musica, da bela arte, e apeteceu — um passeio a Roma!... Pois o povo italiano tão justa e azedamente se revoltou contra o contacto infamante — que o Urso imperial foi coajido a renunciar ao passeio. Então apelou o Czar para a França a sua aliada, a sua *cocote*. E uns dias annunciou o telegrafo que Nicolau II iria a Paris... A tempestade de protestos, de nobres e

indignadas palavras, ajitou unanimemente a alma gauleza e o Urso teve de contentar-se com uma viz'ita... á esquadra franceza. Com a terra á vista teve de sujeitar-se ao seu isolamento de Inimigo do Homem, de toda a parte corrido, de todos odiado e desprezado. Ah! é uma gota d'agua de justiça n'aquela tenebroza stepe de assassinatos... mas enfim já melhora a vida essa repulsão enobrecedora.

### Impostos

Para breve vae o ministro da fazenda apresentar os seus trabalhos ao parlamento. E já se anuncia que o titular do «Deve» e «Haver» conta beneficios mirificos d'um novo imposto que ha-de propôr. Ia isto mão, sensaborão, depressivo, e toda a jente a viver n'um dia a dia angustiozo, fatalista, de previzão de catastrofes. Mas como todos se iludiam, como todos, sutranamente, eram o logro de uma iluzão doloroz...

O novo imposto virá repôr tudo no seu devido logar, virá ó farça! ó misterioza alquimia! dar a abastança ao paiz.

Bento e louvado seja, pois.

### Cantatas

A proposito dos recentes e graves successos de Espanha não falta quem indignadamente... *pro domo sua* acuze os protestantes contra a guerra de anti-patriotas e inimigos publicos. Ora, o crime é bom saber-se no que consiste e não é difficil, por hi alem, acertar-se com os seus motivos. O povo trabalhador e sacrificado da Espanha insurge-se contra a guerra porque a reprova, e muito nobremente, como atentoria da humanidade; e porque conhece que as suas cauzas são um negocio de açambarcadores de riqueza. Saberia e voluntariamente iria defender o seu solo patrio d'uma invazão de conquistadores, mas voluntariamente não quer sêr chacinado em Melila para garantir os acionistas d'uma companhia mineira. Raciocina pois sensata e judiciosamente: inimigo da patria, anti-patriota é um governo devoto que atria infamissimamente um povo a todos os horrores d'uma guerra iniqua.

### Liberdade... de jezuita

Ha tempos deu-se em Vila Franca de Xira o cazo de um jurado não querer prestar juramento invocando a sua qualidade de acatolico. Pois para livrar de entalações a nossa justiça fez o ministro da dita uma portaria izentando os irreligiosos, por tal motivo, da regalia do exercicio do jury. De modo que só os catolicos, por venaes e broncos que sejam, teem o sentimento, a *razão* da equidade; de modo que, só estes, teem o direito de cidadãos.

Pode o dissidente de relijiões sêr exemplar, intelijente, sensato, isso não impede que para a lei tal homem seja... um *inferior*. Izento do jury é tambem e consequentemente privado dos demais direitos do cidadão — ou póde-o sêr — vindo assim o arguto estado a consideral-o, unicamente, para os efei-

tos do imposto, do sacrificio, da extorsão. Como documento da moralidade liberal do sr. ministro da justiça é incomparavel, é unico. Os jezuzias, sem dezaire, podiam ufanar-se de o ter lembrado.

O sr. administrador do concelho d'Ovar

Quem é? Não sabemos!

Se algum negocio nos chama a administração do concelho é tão certo encontrarmos lá o sr. secretario da mesma e o sr. amanuense, como é ouvirmos um d'elles dizer-nos muito amavelmente «o sr. administrador não está». Esta phrase repete-se tantas vezes quantas se procurar aquelle funcionario.

Até aqui, muito bem; s. ex.<sup>a</sup> anda certamente cumprindo os deveres do seu cargo por fóra da repartição. Mas onde quer que elle seja necessario, onde quer que por dever d'officio elle deva comparecer, «o sr. administrador não está» nem sequer encarrega alguém de o dizer ao publico com a amabilidade com que os seus funcionarios o dizem na repartição. Certamente s. ex.<sup>a</sup> está a essa hora na repartição cumprindo os deveres do seu cargo.

Mas o que o sr. administrador podia era, para certos pontos que d'antemão se sabe ser necessario policiar, ir ou mandar o seu regedor.

Crêmos que todavia s. ex.<sup>a</sup> recebe o ordenado por lei arbitrada para cumprir certas obrigações que aliás não cumpre; ora isso é que já não está muito bem.

Diz-nos alguém que s. ex.<sup>a</sup> existe e não é um mytho como nós suppunhamos, mas até um bom homem. Mas o estado não tem no quadro dos seus empregados o lugar de bom homem.

Ora nós como particulares gostamos muito d'um bom-homem mas como municípios estimamos ainda mais um bom funcionario.

Mas temos de ficar só com os nossos bons desejos de que elle appareça!...

Mais outro

«A Patria» vae iniciar n'um dos proximos numeros uma secção especial intitulada «Chronica dos duellos». E' que a coisa já dá para isso. Agora foi de costa-arriba. Marquez e conde... safá.

Por pouco mette duque que no baralho fica atraz do az...

Houve sangria porque o espeto marquezino chegou aos bôfes do conde, mas não se fizeram chouri-

ças porque o sangue não prestava... era azul.

A havel policia não soube e o havel delegado do procurador regio não viu nada nem mesmo quando reuniu o gabinete negro para a pesca do querellorio nos jornaes, embora estes esmiuçassem bem o caso. Está certo.

A policia em duellistas e em gatinos hespanhoes é de primeira ordem; deixa-os á vontade fazer o trabalhinho.

P'ra frente é que é o caminho? Furem-se á vontade mas ao menos... que não nos roubem.

## ARA

Versos escritos na  
marjem d'um missal

Bem pode ser que nossos pés doridos vão errados na senda tortuosa, que o pensamento segue nos desertos, na viagem da idea trabalhosa...

Que a arvore da ciencia sacudida com força jamais deite sobre o chão, aos pés dos tristes que ali'stão anciozos mais do que o fructo negro da ilusão...

Que o livro do destino esteja escrito sobre folhas de lava, em letra ardente, e não chegue a fital-o o olho humano sem que se ofusque e cegue de repente...

Pode ser, que na luta tenebroza que este seculo move sob o ceo, venha a faltar o ar, por fim faltando-lhe a terra sob os pés bem como Anteo...

Que do sangue espalhado nos combates, e do pranto que cêe da triste lira, no arido chão da esperança humana mais não nasça que a urze da mentira...

Que o misterio da vida a nossos olhos se torne dia a dia mais escuro, e no muro de bronze do destino se quebre a fronte—sem que ceda o muro...

Que o pensamento seja só orgulho, e a ciencia um sarcasmo de verdade, e o nosso coração louco vidente e nossas esperanças só vaidade.

E nossa luta vá! talvez que o seja! Cego andará o homem cada vez que vê no ceo um astro! e os passos d'ele errados pelo mundo irão, talvez.

Mas, ó vos que pregaes descanço inerte no seio maternal da ignorancia, e condenaes a luta, e daes ao homem por seu consolo o dormir da infancia;

apostolos da creença... pa inercia... vos que tendes da fé o ministerio e sois reveladores, dando ao mundo em lugar d'um misterio... outro misterio;

se quanto o Universo tem no seio, e quanto o homem tem no coração, o olhar que vê e a alma que adivinha, o pensar grave e a ardente intuição,

desteciam, crescia-lhe o interesse na narrativa do pedreiro.

Reperguntava pormenores já respondidos. Não havia já no seu espirito passageira sombra de duvida.

Era o seu amigo D. Miguel quem estava em S. Gens de Calvos; e se ele fizera coronel o plebeu das Lamelas e sarjento-mór do pedreiro, foi decerto com a intenção de o obsequiar a ele, para lhe mostrar com que prazer recebera a sua carta.

—Sua majestade disse-me que estimava lá vêr-me com outra carta do sr. conde, enquanto não ia lá abraçal-o—esclareceu Zeferino.

—Tens de lá ir amanhã. Aparece cedo.

—Pronto, senhor.

—Mas, se vaes para casa, passa pelos Pombaes e dá parte ao padre Rocha que preciso falar-lhe hoje á noite ou amanhã cedo.

O padre Rocha preferiu vir de manhã, antes dos transportes civicos do tenente coronel. Repugnava-lhe o ebrio, e professava uma sincera compaixão pelo homem.

Pouco depois do sol nado, o capellão de D. Andreza estava em Quadros com um grande interesse. Queria salvar o vizinho d'uma raioeira armada ao seu dinheiro, ou convencer-se de que realmente o principe proscrito estava no concelho da Pova de Lanhozo.

se nada—em terra e ceo pode ensinar-nos de fado humano o imortal segredo, nem os livros profundos da ciencia, nem as profundas sombras do arvoredado,

se não ha mão audaz que possa erguel-o o tenebrozo véo do Bem e Mal... Se ninguem nos explica este misterio... Tambem o não dirá nenhum missal!

Antero de Quental.

## EDUCAÇÃO

A escola verdadeiramente liberta da servidão antiga não pôde desenvolver-se, francamente, senão no seio da natureza. Tudo o que nos nossos dias é considerado nas escolas como festas excelleas: passeios, caminhadas nos campos, nas dunas, nas florestas, á beira dos rios e á beiramar, isto deveria constituir a regra do nosso ensino. Porque é unicamente ao ar livre que se trava conhecimento com a planta, o animal, com o trabalhador, e se aprende a observar, a ter uma ideia precisa, coerente do mundo exterior. E' muito a medo que os paes e os educadores se intrometem nesta direcção da «escola campestre» e entretanto que grande beneficio ela dá na combinação da saude fisica e da saude moral, adquirida no alegre trabalho do exterior, ao ar livre e em plena terra.

E' assim que em Coupvray (França) os rapazes da escola se constituíram em associação protetora das aves e protejem, salvam, anualmente, 570 ninhos; e é assim que em Cinquétral os rapazes das escolas se dedicaram á arborização das ravinhas escaloadas e mostram, com orgulho, nos arredores da sua aldeia as 15:000 arvores que plantaram e que protejem inumeros prados até ahi ameaçados de se perderem.

Estes trabalhos uteis em plena natureza comportando os rudimentos dos officios que foram o exercicio dos primitivos desenvolvidos mais tarde em poderosa industria; as obras de arquitetura, de escultura, desenho, que aprazem tanto á maioria das creanças e ás quaes se relacionam a arte da escrita e conecsam a de leitura emfim, o canto, a dança, a mimica, as belas atitudes ritmadas, tal é o conjunto de occupaões que devem preparar a creança para a serie dos estudos ulteriores destinados a tornal-a um homem. E' preciso ajuntar a isso o que pode

aprender-se de matematica traçando figuras sobre a areia, porque a algebra e a geometria são meios admiraveis para dar uma forma logica ao pensamento e ás suas expressões: quem aprende a medir dimensões instrue-se igualmente na arte de bem assentar os raciocinios e em tornar exatas suas palavras. Quanto aos estudos especiaes que devem seguir-se nos anos da adolescencia necessitam variar consoante os individuos, visto importar que o ensino se adapte a cada natureza em particular e a dirija conformemente á vocação pessoal. No entanto é conveniente que nenhum aluno não fique sem adquirir «elucidações sobre o todo» afim de que elle possua a sua quota parte de prazer em todos os progressos da arte e da ciencia e afim de que lhe seja possivel, sempre, tomar parte activa nas conversações sustentadas pelos camaradas sobre os trabalhos diversos que os interessam especialmente. Já que é impossivel conhecer-se tudo que, ao menos, cada um aprenda o que melhor lhe convem e que o aprenda com metodo nas suas relações com os conhecimentos proximos e derivados.

As brutalidades da concorrencia vital, a necessidade para os jovens de ganhar a vida tão depressa quanto possivel, emfim a vaidade louca que impele os paes a ambicionar para a sua projenitura um adeantamento rapido nos estudos tem como resultante um metodo apressado de instrução, superficial e até ás vezes redondamente falso. Milhares e milhares de candidatos procuram simplificar o seu trabalho aprendendo de cór formulas de manual, mascando e remastigando frases antes expetoradas por professores de nomeada, encaixilhando na memoria secas definições desprovidas de cór e vida. Elles sabem palavras, sempre palavras, e toda essa calçada interpõe-se entre a verdade, e o seu espirito. Os formularios e os guia-jerico desgostam-os dos livros e mais ainda da natureza; os programas limitam a intelijencia, os questionarios reduzem-a ao estado de aniloz, os rezumos a empobrecem, e todas as frases feitas a acabam de matar completamente. Desventurado do joven dotado de uma compreensão muito facil, toda á superfície, desenvolvendo-se por assim dizer com o assombro do vulgo. E' um perigo capital compreender depressa demais, sem custo, sem esforço nem

lento trabalho de assimilação. Põe-se de lado negligentemente o osso de que um outro teria extraido o tutano substancial; abandonamo-nos á indiferença, quase ao desprezo pelas couzas as mais bellas, desgastamo-nos: a auzencia de estudo pessoal aniquila a iniciativa, tira aos actos e ás palavras, completamente, a originalidade.

A principal parte do ensino, faz-se nos nossos dias com o fim no exame, e não pode ser d'outra forma, visto que dos exames dependem as colocações, os empregos officiaes e sociaes. Assim domina a Egreja um dado paiz? deve o estudante provar por argumentos e exemplos escolhidos quão legitimas e santas são as ambições clericas. O chefe do estado ou o estado abstracto tornam-se objecto essencial da adoração religiosa? E' preciso, então, fazer dezejar tudo d'ele e para ele tudo fazer converjir: as ideas, os caprichos do soberano tornam-se assim sacratissimos. Mesmo as questões puramente scientificas são alteradas para conveniencia do alto «o Imperador assim o ordena».

Os estudantes são advertidos portanto: não é com o fim no saber que frequentam as escolas superiores é com a esperança, muitas vezes com o desejo unico, confessado clinicamente, de ascender aos logares que conduzem á fortuna. Por isso é que os exames tomam um carater extranho á ciencia, visto esta tornar-se um pretexto simples de obtenção da chancela official: obtido o diploma, o estudante repentinamente livre d'um trabalho detestado julga-se autorizado plenamente á preguiça. Nos seus principios o exame era couza muito diversa e deve restabelecer-se na primitiva virtude, em toda a parte onde for real o amor da ciencia, em toda a parte aonde importe saber e não parecer que se sabe. O ensino dos filosofos gregos tal como nol-o referem os «Dialogos» de Platão não consistia na realidade senão n'uma conversação permanente do estudante com o seu eu, em um exame continuo do pensamento pelo pensamento, sob a evocação d'um Socrates ou outro inquisidor da verdade. Então que, antes de tudo, se cuidava de «conhecer-se a si mesmo» este exame incessante era indispensavel a quem estuda, e quanto atualmente não é isso mais necessario tratando-se de «conhecer a natureza» de que o individuo é uma simples célula? Assim o jovem que quer viver o seu

(20) FOLHETIM

Camillo Castelo Branco

## A Brazileira de Prazins

O Zeferino esperava a confidencia do conteúdo; mas o fidalgo apesar da nobilitação do sarjento-mór continuava a consideral-o o pedreiro que lhe fizera os canastos e reconstruira as paredes da cozinha.

Não estava assás bebedo para confidencias. — Conta lá o que te aconteceu, Zeferino—e sentando-se meteu o sacarroilhas á botija de Holanda.

O Zeferino contou tudo com muita particularidade. Descreveu a figura do rei, as barbas que metiam respeito: paузava como ele os dizeres, dando ao braço direito, com a mão aberta, um movimento compassado.

Repetiu, peorados na forma, os elojios que o sr. D. Miguel fizera ao seu amigo Cerveira; que quando estava a escrever, perguntou se o conde de Quadros tinha filhos.

O fidalgo sentia muita sede. Misturava de meias a jenebra com agua açucarada. E ao passo que lhe sorriam as alvoradas do seu mundo fantastico, e as trevas da razão se

Chegára um pouco tarde. O Cerveira Lobo já tinha matado o bicho copiozamente, um bicho muito antigo, invulneravel, que não se afogava em pouca jenebra.

—Não ha duvida, padre Rocha! Cá está o homem!—exclamou o fidalgo.

—Mão!—disse consigo o padre, quando lhe apanhou em cheio as inalacões alcoolicas do bafo.—Então é certo, sr. tenente coronel?

—Se me quer chamar o que eu sou, amigo padre Rocha, chame-me jeneral e conde. Veja.

—O! sim? muitos parabens, sr. conde, muitos parabens! quanto folgo!—e lia o sobscrito.

—Póde abrir e leia alto.

—Muito boa forma de letra sim senhor...

E' do proprio punho do sr. D. Miguel?

—Leia e verá. E' d'ele mesmo. Conheço a assinatura muito bem. Tal qual, sem tirar nem pôr. Vae um copito?—perguntava com a botija inclinada sobre o calice.

—Muito obrigado a V. Ex.<sup>a</sup>. Tenho de dizer a missa á sr.<sup>a</sup> D. Andreza ás dez horas.

—Leia lá então. Olhe que o nosso homem estudou. Explica-se muito soavelmente. Veja o padre que espiga se eu lhe mando uma carta escripta p'ra ahi á tôa, hein? Bem diz a Nação que ele andava a estudar lá por fora.

—Se dá licença leio—interrompeu o padre com impaciencia curiosa.

—Vá lá—e puxou a cadeira e a botija para junto do capellão.

Velho, honrado e leal amigo, Vasco da Cerveira Lobo, conde de Quadros e jeneral dos meus exercitos. Eu el-rei vos envio muito saudar. Não podeis imaginar o grande prazer que senti quando ouvi o vosso nome escrito no final da vossa mais que todas preciozissima carta.

—Hein?—interrompeu o Cerveira.

—Muito bem—e proseguiu lendo:

Muitas vezes me lembrou no deserto de onze anos o vosso nome, porque não podia esquecer o d'um amigo que tão de perto conheci e tanto me acompanhou nas alegrias da minha mocidade.

Eu não lhe disse, padre, que o rei e mais eu tinhamos feito pandegas rasgadas quando eramos rapazes?

—Sim senhor, V. Ex.<sup>a</sup> tinha-m'o dito.

—Ora ahi tem, eu nunca mintu. Ah! que bambochatas!—e recordava-se com os olhos n'um spasma entre a saude e as iniciativas da borracheira.

—Continuo, se V. Ex.<sup>a</sup> permite.

—Ande lá... Quem te viu e quem te vê, Cerveira Lobo! disse com tristeza, muito abatido. Padre Rocha encarava-o com piedade, sen-

tia ancias de abraçal-o e de dizer-lhe: «Rejenera-se!»

—Ande lá. Leia, que o melhor está p'ra baixo.

Logo que cheguei a Portugal chamado por amigos de primeira ordem e fui para aqui enviado, perguntei se ainda ereis vivo. Alegrem-me com a resposta; mas delicadamente me obrigaram a não escrever a alguém, enquanto o triunfo infalivel da minha justiça dependesse de certas negociações pendentes entre as nações da Europa e o meu ministro em Inglaterra, o Ribeiro Saraiva que muito bem deveis conhecer de nome.

Tendo eu sido violentamente acusado pelos meus proprios amigos de ter sacrificado os meus direitos aos meus caprichos, submeti-me ás deliberações da Junta de Lisboa e por isso vos não escrevi para vos abraçar e chamar para o meu lado.

O Cerveira começou a soluçar com a cara coberta de lagrimas que destacavam no rubór da epiderme.

—Então que é isso? São lagrimas de alegria?—perguntou o padre. Se são deixe-as correr.

—Qual alegria! estou velho... já não posso fazer nada a favor de el-rei... Este pulso...—e retezava o braço.

O padre assustava-se.—Ora leia para baixo, que está ahi uma passagem muito bonita.

ensino deve interrogar-se e responder-se incessantemente com toda a probidade e sinceridade. Comparadas a este exame pessoal, as formalidades usuas de receção no mundo dos qualificados são quase nada: o estudante poderá sofrer-as de consciencia tranquila desprezando-as, altamente superior bastar-lhe ha dar mentalmente aos questionarios, quase sempre incoerentes, a unidade que necessariamente lhes falta. E' esse o preço porque se salva a dignidade do estudo.

Mas se o estudante, cheio de palavras acumuladas na memoria não tem outro merito no dia final não saber dar resposta ás perguntas como um eco mais ou menos fiel, se receia ser ele proprio, pronunciar o que mestres mumificados qualificam de herezias ou paradoxos isto é, segundo a propria etimologia «opinões diversas do ensino», poder-se-ha perguntar qual foi a razão verdadeira dos longos anos da escola e dir-se-ha, quase com certeza, que esta razão foi a ambição dos póstos e do dinheiro. Tal candidato não é nada mais que um «arranjista», um aprendiz industrial procurando rememorar formulas lucrativas para com elas fabricar ouro.

Triste e vergonhoza «pedra filosofal»!

Eliseu Réclus.

## Alma Humana

Ah! não! Nós nunca o esqueceremos.

Por mil obstaculos, mil contratempos, mil mudanças que o tempo traga, nem tu nem eu deliremos da memoria viva aquella noite de amor: —noite primeira, noite ultima. Diz Campoamor, pela boca d'ele: «No te olvidaré jamás» e pela boca sabida, d'ela, negativamente: «Quien más vive, olvida más»... Será, não seja, não veio meter-me ao pleito, nem nós temos, minha adorada, que questionar um e outro. Venho só dizer-te que o não esqueço, que tu, tampouco, nunca mais, ah! adivinho-o! o esquecerás renegando-te. Foi a hora unica que todos temos de felicidade sem sombras, ah! chegámos ao ponto culminante da fortuna, momento breve que a ninguem é dado tornar a ter.

N'aquelle espaço, n'aquelle hiato de tempo, como Deuses nós tudo fomos, tudo tivémos; o pobre barro, os imperfeitos que somos! Antes d'isso havia eu colhido beijos sem conta sem que a Iniciação os vivesse, depois d'isso tornei a saborear o fructo rozado, polpudo d'outros labios, d'outros amores; peregrinações que vieram, que foram, como todas as coisas voltando o remoinho dos prazeres e dos desprazeres. Antes d'isso, depois d'isso, o meu coração impressionou-se, teve tempestades, violencias; decerto senti, viveu a poderosa tensão das paixões, mas esqueceu-se, mas distraiu-se, com a sociedade, a indiferença. Hoje de ti, como teozouro, como recordação, conserva, guarda, não a tua alma —que é pouco e que não me interessa, mas esse minuto —que é tudo. Hoje, amanhã, porque não houve entre nós a aventura galante, o episodio picante, foi o Amor na sua irresistivel beleza; em ti, em mim, algo de incomparavel e de absorbente e de absoluto; e o que assim existe não morre.

Pactua viver connosco, seguir-nos em tudo, sêr um avatar atravez do tempo e atravez das transformações.

Poderás querer rompêr, querer destruir essa hora; eu poderei tentá-lo, tentei-o: fiquei vencido, como a ti te sucederá se amanhã fizeres outro tanto. E' que nós tocámos com os nossos labios, com nossos rostos, com nossos peitos, com nossos olhares, e com os nossos dedos aquele misterioso veio das cousas, tudo o que E', tudo o que Foi: é que apreendemos, n'aquelle instante,

embora obscuro o sentimento do gozo unico e o conservamos na re-tentiva impresso em linhas eternas.

Os bemaventurados do céo cristão ou do mussulmano são disformidade e anões se os vou cotejar connosco, aqui, a nossa felicidade não nos veio d'um padre-eterno; —ó maravilha! irradiou, plenamente, de nós mesmos; autonomamente, do nosso amor sem balizas.

Durou embora umas horas, transluziu uns curtos momentos, mas nunca união houve tão viva, tão sempiterna, tão forte. Difusa, incoerivel, mas presente por todo o espaço, sensível por todo o sempre: — hora de amor que para viver não pede quaesquer promessas, não exige vãos compromissos. Chama que a si se sustenta, do seu proprio clarão ilumina, revivesce, persiste... chama que nós vimos brilhar um instante, ponderalizer-se nos nossos labios, arder nas nossas palavras, robar-se nos nossos peitos. Ah! não o esquecemos, eu, tu, sentimol-a, celica, ainda que ida; rediviva ainda que ocisdada pela ferrujem do tempo.

Minusculus.

## NOTICIARIO

### EXPEDIENTE

Estamos a proceder á cobrança do 1.º semestre d'este anno. A todos os nossos assignantes ro-gamos a fineza de satisfazerem o seu debito para nos evitar segunda despeza, pelo que nos confes-saremos agradecidos.

### Dia a Dia

No dia 10 passam seus anniversarios natalicios a snr.ª D. Sophia Pinto d'Oliveira Vaz e Vidal, dedicada esposa do nosso amigo José Vidal, e o snr. Manoel André d'Oliveira Junior.

As nossas felicitações.

—Na semana finda tivemos o prazer de cumprimentar n'esta villa, onde se encontra, vindo de Manaus, o snr. Manuel Mello, filho do nosso bom amigo e corre-ligionario snr. Antonio d'Oliveira Mello.

—Tambem na semana passada chegou a Lisboa, de regresso do Pará, o nosso amigo e conterraneo Antonio da Silva Carrelhas.

—A Lisboa igualmente chegaram domingo do Pará o nosso amigo Antonio Maria Cardoso e esposa, que veem passar a lua de mel a estes reinos.

—Encontra-se felizmente restabelecido o nosso amigo snr. Miguel Redondo Jemenes, pelo que o cumprimentamos affectuosamente.

—Partiu ha dias para Lisboa o snr. João d'Oliveira Gomes, bem-quisto constructor naval d'esta villa.

—Regressou d'Entre-os-Rios o nosso amigo Manoel Gomes dos Santos Regueira.

—A uso d'aguas thermaes, encontra-se em Vizella com sua familia o snr. Manoel José de Pinho, nosso conterraneo e industrial em Lisboa.

—Partiu segunda-feira para o Furadouro com sua esposa e filhos o snr. Julio Pereira Vinagre.

### Festa escolar

Foi por todos os motivos grandiosa e entusiastica a festa no preterito domingo effectuada e dedicada pela evangelisadora Com-missão de Beneficencia Escolar ás creanças que nas escolas officias d'esta freguezia estão recebendo o salutar fructo da instrucção.

Esta festa, que d'anno para anno vem crescendo de entusiasmo e sympathia, tem influido d'uma maneira maravilhosa no estado

dormente e mesquinho em que se encontrava a nossa instrucção e educação popular. Ha quatro annos que aquella altruista aggre-miação, á testa da qual se encontram homens illustres e devotados, vem festejando o aproveitamento e assiduidade escolar, concedendo ás creanças premios, diplomas honrosos. E de então para cá o que se tem notado nas escolas? Maior frequencia, muito mais creanças a procurarem a luz do ensino, bastantes familias a interessarem-se pela educação de seus filhos! E isto, graças á frutificadora propa-ganda e particular interesse que á causa da instrucção está dedicando a Comissão de Beneficencia. Instruir, educar, formar cidadãos uteis a si e ao seu paiz, é o seu objectivo.

A festa foi grandiosa, diziamos nós.

Grandiosa, sim, porque representa uma alta significação social. Não foi sómente a solemnidade externa do acto, que a todos encantou e ás creanças em especial, seduziu, pelo seu brilhantismo que se impunha, não. Era a ideia do bem, a ideia do resurgimento que se celebrava. E o povo, o nosso bom povo, comprehendeu-a, associando-se a e-la a villa inteira, que vae sentindo a necessidade de caminhar para a vida, para a felicidade e para o progresso.

No campo das ideias, consolou-nos a alma este poderoso significado da festa a que domingo assistimos e na pratica do bemfazer, sensibilizou-nos em extremo desvelada protecção que a benemerita comissão dispensa a dezenas de creanças, fornecendo livros e utensilios escolares ás desprovidas de fortuna e vestindo com fatos completos outras mais pobres, ainda, ao passo que na sua magnanima missão premiava aquellas sem distincções de classes ou de nascimento, que durante o anno lectivo mais aproveitamento tiveram e aptidões revelaram.

Festa bem dita, e duplamente proveitosa, a sua acção fertilisadora dá-nos a certeza de antever no dia d'amanhã uma sociedade instruida e consciente, formada de homens fortes e decisivos para as incertezas e embates da vida e independentes e altivos para as pugnas de suas opiniões.

Justo é, pois, que todos rendamos o culto da nossa homenagem á distincta Comissão de Beneficencia Escolar, pelos grandes serviços que está dispensando á infancia estudiosa d'esta villa, sem esquecermos os nossos conterraneos residentes além-mar, que tão generosamente teem contribuindo para o desafogo do cofre da Com-missão.

Bem hajam.

Precisamente ás II horas da manhã de domingo, como fôra anunciado, foi aberta a sessão solemne.

O theatro estava repleto. No palco viam-se os membros da com-missão, representantes de corporações associativas e da imprensa, convidados e o grupo, ao fundo, das creanças subsidiadas. Ausencia do presidente da camara e do administrador do concelho.

Os camarotes eram occupados por muitas senhoras, cujas *toilettes* davam um aspecto alegre á sala; na plateia não havia um lugar vago; nas galerias, os alumnos das escolas; no atrio e no largo fronteiro permanecia grande numero de pessoas que não poderiam obter entrada.

Assumi a presidencia o nosso prestimoso amigo Dr. Pedro Chaves, presidente da comissão, sendo secretariado pela professora snr.ª D. Gracinda Marques dos Santos e pelo parcho da freguezia, snr. Dr. Alberto d'Oliveira e Cunha.

O illustre presidente, abrindo a sessão, proferiu um admiravel discurso. Com elegancia na forma e grandeza de vista, na ideia, a

sua linguagem, por vezes arrebatadora, era semente bemfazeja de caridade, instrucção e patriotismo que espalhava a flux adentro d'aquelle recinto, onde se apinhavam centenas de corações.

Fazendo com proficiencia a apolo-gia da instrucção, de mistura recordou, com feliz vantagem, algumas passagens da historia patria, conduzindo pela importancia civica e social dos factos a razão das suas argumentações. Enalteceu a caridade em todas as suas manifestações e a cooperação que por varias pessoas tem dispensado á comissão, especialmente a generosidade com que para o engrandecimento d'ella teem contribuido os nossos patricios d'além-mar.

Uma vibrante salva de palmas echoou na sala no final d'este discurso.

Falla a seguir o snr. Dr. Sobreira, que, n'um bello discurso, historia o movimento associativo d'Ovar, concluindo por enaltecer a obra redemptora da Comissão de Beneficencia, e os seus membros, especializando o snr. Dr. Chaves, de quem, com justiça, diz que é a alma da comissão pelo seu inextinguivel zelo e paternal dedicacão.

As palavras do orador foram muito applaudidas pela assembleia.

Seguiu-se a recitação de poesias por tres creanças, e em acto continuo foram distribuidos os premios e menções honrosas aos alumnos que mais se distinguiram.

Para a entrega dos 4 premios creados em homenagem á colonia vareira no Pará e Manaus, o presidente convidou e cedeu o seu lugar, com applau-o da assembleia, aos snrs. Francisco Fernandes de Souza Villa e Julio Vinagre, benemeritos e representantes d'essa colonia actualmente n'esta villa, os quaes procederam a essa distribuição.

Ao encerrar-se a sessão, o snr. Dr. Chaves usou novamente da palavra, agradecendo ás pessoas convidadas a comparencia áquella festa e ao snr. Dr. Sobreira as referencias elogiosas que lhe fez, sendo outra vez ovacionado com calorosas salvas de palmas.

No final, como no principio, foi cantado o hymno escolar pelas creanças, sendo ouvido de pé.

\* \* \*

A' noite houve o anunciado espectáculo de gala pela *troupe* infantil. Foi mais um numero agradável que os promotores da festa proporcionaram á villa.

O espectáculo decorreu magistralmente, não se podendo exigir mais de creanças, sendo forçoso confessar que muitas se houveram não só com correcção e naturalidade mas tambem revelaram excellentes aptidões para o palco, sendo por isso mui justificadamente applaudidas.

Dias Simões, o distincto litterato e auctor de quasi todas as peças que no espectáculo se representaram, continua a mimosear-nos com as pilhas de graça que costuma imprimir ás suas produções theatraes, como foi d'esta vez aquella hilarante *Crise ministerial*.

A casa completamente cheia.

### Fallecimento

Ao cabo d'um longo e cruciante padecer, succumbiu pelas II horas da noite de 29 de julho, na sua casa da Praça, o nosso bom amigo José Luiz da Silva Cerveira.

Prestante, emprehendedor e activo, Silva Cerveira evidenciou-se n'esta villa entre os mais considerados membros do commercio, ao mesmo tempo que se insinuava no espirito publico e captava geraes sympathias pelo seu trato affavel e lhano.

O pobre morto faz falta, muita falta a sua numerosa familia, mas o seu desaparecimento não dei-

xa de se tornar sensível, no meio vareiro, onde a sua pessoa era invocada e ouvida para qualquer emprehendimento ou informacão, sobretudo na praia do Furadouro, onde o seu nome era um reclame e a sua casa o unico passatempo.

Foi um grande trabalhador e um bom amigo, e portanto a sua morte não podia deixar de ser, como foi, pranteada por todos os que de perto o conheciam.

Seu funeral effectuou-se no dia immediato á noite com numerosa assistencia, sendo o cadaver conduzido na carreta e coberto com a bandeira da Associação dos Bombeiros Voluntarios, de cujo corpo activo fazia parte. No prestito funebre incorporaram-se os Bombeiros Voluntarios com a sua banda, que durante o trajecto tocou algumas marchas funebres.

Sentindo sinceramente este des-enlace, apresentamos a sua familia a expressão do nosso pesar.

### Aggressão provocada

No dia 31 de julho, no logar da Corga do Norte, de Vallega, Francisco Augusto da Silva, solteiro, pedreiro, após uma altercação com uma filha de Antonio Fernandes Crista, foi ameaçado e provocado por este que para elle puchou de cacete. O Francisco Augusto, com o medo de ser attingido, antecipou-se e deu uma pancada n'este, com a qual lhe fracturou um braço.

O caso foi entregue em juizo.

### Imundicies

Já por varias veses nos temos referido—sem nada conseguirmos—ao estado da maior parte das valetas e canos d'esgoto que ornarn as ruas da vila, e principalmente as ruas centraes.

Voltânos hoje a diser sobre este importante assunto o que a nossa observação directa nos dita. Vejânos.

N'uma terra importante como é Ovar, vila populosa, comercial e industrial em elevado gráu, e principalmente a primeira parte; lastimavel é dar-se a internos e extranhos o deprimente e baixo espectáculo que oferecem as ruas e valetas d'esta infeliz povoação, que, categoricamente o afirmamos—era bem digna d'outros destinos meliores, poderia enfileirar na corrente progressiva dos concelhos d'Aveiro, e, mais ainda! sobrelevar a muitas nessa corrente de progresso!...

O que se vê em fligrante contradicção com todos os preceitos da boa hygiene, da decencia e da *simples* limpeza d'um concelho de cerca de 15 000 habitantes?

As ruas *principaes*, snrs., as ruas *principaes* oferecendo á nossa vista umas tiras d'aguas (sic!) verdes, limosas, trazendo em mistura repugnante toda a sorte de detritos, de porcarias, accumulções de tudo que é excrementicio, ordinario e pulhorio!

De mistura com a côr verde-lengo-escura d'este *acumulado estercerario* ha quasi sempre um cheiro nauseabundo, intoleravel, que marinhando pela pituitaria nos dá vontade de... perguntar aos *sabios* e esclarecidos eleitores d'esta infeliz vila, se foi para isto que uma eleição, parto... laborioso, deu á luz tão interessante... rebento de Progresso!...

Não, digâmol-o afoutamente, Ovar *devia* e podia fugir da reles vergonha de ser vergonhosamente tutelado!...

Povo d'Ovar! é tempo de te levantares! é tempo de sacudires de sobre ti a capa imunda da tua... tolerancia e escolher quem saiba melhorar, elevar a tua terra que bem digna é d'outros, muito outros, dirigentes!

# INDICAÇÕES PARA TODOS

## Commercio

(Noticias da ultima semana)

### CAMBIOS

**No Porto:** valor da libra, ouro, de 4\$980 a 5\$050 réis.  
 Valor da libra, papel, de 4\$960 a 5\$000 réis.  
**No Brazil:** cambio—15 1/4—/ Londres, valor da libra, 15\$737 réis.  
 Custando no Brazil uma libra 15\$737 réis, produz em Portugal, ao cambio de 48 1/4—4\$980 réis.  
 Cada 100\$000 réis brasileiros, a esta taxa, produzem 31\$650 réis, moeda portuguesa.

### Preços dos Generos

No nosso mercado

#### SETUBAL

Arroz: 1.<sup>a</sup> qualidade, 15 kilos. 1\$400 réis  
 > 2.<sup>a</sup> > 15 > 1\$350 >

#### BAIRRADA

> 1.<sup>a</sup> qual., 15 kilos. 1\$300 >  
 > 2.<sup>a</sup> > 15 > 1\$250 >  
 > 3.<sup>a</sup> > 15 > 1\$200 >  
 Batatas, 15 kilos . . . . . 400 >  
 Centeio 20 litros . . . . . 740 >  
 Fava, 20 litros . . . . . 750 >  
 Farinha de milho, 20 litros . 840 >  
 > trigo, 1.<sup>a</sup> qual. kilo. 103 >  
 > 2.<sup>a</sup> > . . . . . 93 >  
 > cabecinha . . . . . 62 >  
 > semente superiora . . . . . 40 >  
 > grossa . . . . . 38 >  
 Feijão vermelho, 20 litros . 1\$280 >  
 > branco, 20 > . 1\$220 >  
 > mistura, 20 > . 960 >  
 Milho branco, 20 > . 800 >  
 > amarello, 20 > . 700 >  
 Ovos, duzia . . . . . 140 >  
 Tremoço, 20 litros. . . . . 380 >  
 Azeite, 1.<sup>a</sup> qual. litro. . . . . 300 >  
 > 2.<sup>a</sup> > . . . . . 270 >  
 > 3.<sup>a</sup> > . . . . . 260 >  
 Alcool puro, 26 litros. . . . . 6\$500 >  
 Aguardente de vinho, 26 litros. 3\$380 >  
 > bagaceira, 26 litros. 2\$730 >  
 > figo, 26 litros . . . . . 1\$950 >  
 Geropiga fina, 26 litros . . . 2\$080 >  
 > baixa, 26 > . . . . . 1\$430 >  
 Vinho tinto, 26 litros. . . . . 750 >  
 > branco, 26 > . . . . . 900 >  
 > verde, 26 > . . . . . 900 >  
 Vinagre tinto, 26 > . . . . . 700 >  
 > branco, 26 > . . . . . 900 >

#### Pescado

##### NO FURADOURO

Companha Boa Esperança — Rendimento de janeiro a maio de 1909 . . . . . 1:306\$010 réis  
 Companha do Socorro — Rendimento de janeiro a maio de 1909 . . . . . 1:012\$520 >  
 Companha S. José — Rendimento de janeiro a maio de 1909 . . . . . 1:588\$510 >  
 Companha S. Pedro — Rendimento de janeiro a maio de 1909 . . . . . 681\$990 >  
 Companha S. Luiz — Rendimento de janeiro a dezembro de 1908 . . . . . 7:388\$835 >

##### NOS CAMPOS

Rendimento de . . . . .

#### Matadouro

No mez de . . . . .  
 Rezes abatidas para o consumo:  
 . . . . . Boas, com o peso de . . . kilos  
 . . . . . Vitelas, > > > . . . . .  
 . . . . . Porcos, > > > . . . . .

#### Correio

Aberto todos os dias das 8 horas da manhã às 9 da noite, excepto aos domingos, que fecha à 1 hora da tarde.

Registos e Valles até ás 5 horas da tarde.

Expede as malas para o Norte pelo comboio das 6,23 da manhã e 6,23 da tarde e para o Sul pelo das 7,52 da manhã e 10,13 da noite.

Continente, Ilhas, Africa e Hespanha

Cartas (sem limite de peso ou volume), cada 20 gr. ou fracção, Portugal e colonias. . . 25 réis.  
 idem (idem, idem), cada 15 gr. ou fracção, para Hespanha. . 25 réis.  
 Jornaes (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção. . 2 1/2 réis.  
 Impressos (peso maximo 2000 gr.) cada 50 gr. ou fracção 5 réis.

Manuscriptos (sem limite de peso ou volume)—Até 250 gr. 25 réis  
 Cada 50 gr. mais ou fracção 5 >  
 Amostras sem valor (peso maximo 250 gr.; dimensões 30 cm. de comprimento), cada 50 gr. ou fracção . . . . . 5 réis

Brazil e mais paizes estrangeiros, excepto Hespanha

Cartas, até 20 gr. . . . . 50 réis  
 > cada 20 gr. ou fracção . 30 >  
 Bilhetes postaes: cada . . . . . 20 >  
 Jornaes e impressos (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção . . . . . 10 réis  
 Jornaes para o Brazil, cada 50 gr. ou fracção . . . . . 5 réis  
 Avisos de recepção—Cada um. 50 réis  
 Registo—50 réis, alem do porte, por cada objecto.

Cartas com valor declarado— Premio do seguro, alem do porte e premio do registo da carta: Continente, Ilhas e Ultramar, 20 reis por cada 20\$000 réis ou fracção.

Encomendas postaes—Volume maximo 25 decimetros cubicos, não podendo o seu comprimento ser superior a 60 centimetros, nem inferior a 10 centimetros.— Portugal (Continente e Ilhas) 200 réis até 3 kil.; 250 réis até 4 kil.; 300 réis até 5 kilos; (Africa) 400 réis 5 kilos.

Valles do correio—Portugal (Continente e Ilhas), 25 réis por 5\$000 réis ou fracção. Linite 500\$000 réis, 200\$000 réis, 100\$000 réis, conforme houverem de ser pagos nas sedes de districto, de comarca ou concelho.—Possessões portuguezas, 150 réis por 5\$000 réis ou fracção.

Os vales nacionaes teem o sello correspondente á quantia por que forem emitidos.

Telegrammas—Para o continente do paiz, 10 réis por palavra e 50 réis de taxa fixa.

### Lei do Sello

#### RECIBOS PARTICULARES

De 1\$000 réis até 10\$000 réis. 10  
 > 10\$001 > > 50\$000 > . 20  
 > 50\$001 > > 100\$000 > . 30  
 > 100\$001 > > 250\$000 > . 50  
 Cada 250\$000 réis a mais ou fracção. . . . . 50  
 Valor não conhecido ou declarado. 500  
 Cheques ao portador . . . . . 20

#### LETRAS DE CAMBIO

Sendo á vista e até 8 dias

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20  
 > 20\$001 > > 50\$000 > . 50  
 > 50\$001 > > 250\$000 > . 100  
 Cada 250\$000 réis a mais ou fracção. . . . . 100

A mais de 8 dias de prazo

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20  
 > 20\$001 > > 40\$000 > . 40  
 > 40\$001 > > 60\$000 > . 60  
 > 60\$001 > > 80\$000 > . 80  
 > 80\$001 > > 100\$000 > . 100  
 Cada 100\$000 réis a mais ou fracção. . . . . 100

Sacadas no ultramar e no estrangeiro e pagaveis em Portugal

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20  
 > 20\$001 > > 100\$000 > . 100  
 Cada 100\$000 réis a mais ou fracção. . . . . 100

### Associação dos Bombeiros Voluntarios

Presidente da direcção—Dr. João Maria Lopes.

Thesoureiro — Angelo Zagallo de Lima.

Commandante — Dr. Joaquim Soares Pinto.

#### Toques de incendio

Ruas da Praça—Graça—S. Thomé—Ribas—Areal—Neves e Sant'Anna. . . . . 4 Badaladas

Bairro dos Campos—Ruas do Loureiro—S. Bartholomeu e Lavradores. . . . . 5 >

Ruas das Figueiras—Outeiro—Fonte—Oliveirinha—Lamarão e Motta. . . . . 6 >

Bairro d'Arruela até á Poça. . . . . 7 >

Ruas do Bajunco—S. Miguel—Lagôa—Nova—Velha—Pinheiro e Brejo. . . . . 8 >

Ponte Nova—Ponte Reada e Sobral. . . . . 9 >

Estação e Pellames. . . . . 10 >

João—Cima de Villa e logares visinhos. . . . . 11 Badaladas  
 Ribeira. . . . . 12 >  
 Assões—Granja e Guilhovae. . . . . 13 >  
 Furadouro. . . . . 14 >  
 Para cessar — 3 badaladas.

### Associação de Socorros Mutuos

Presidente da direcção — Dr. Antonio d'Oliveira Descalço Coentro.

Thesoureiro — Antonio da Cunha Farraia.

Cartorario — Manoel Augusto Nunes Branco.

Medico — Dr. Salviano Pereira da Cunha.

Esta associação tem por fim exclusivo socorrer os socios doentes ou temporariamente impossibilitados de trabalhar e concorrer para o funeral do associado que fallecer.

### Commissão de Beneficencia Escolar

Presidente — Dr. Pedro Virgolino Ferraz Chaves.

Secretaria — D. Gracinda Augusta Marques dos Santos.

Thesoureiro—Dr. João Maria Lopes.

Esta commissão tem por fins dar ás creanças extremamente pobres da freguezia, livros, papel, tinta, pennas, lápis, etc.; distribuir vestuario e calçado, alimentação, estabelecer colonias sanitarias, promover a vulgarisação da instrucção e tornar effectiva a obrigatoriedade do ensino primario.

### Armazens de Vinhos

Affonso José Martins.  
 Antonio da Silva Brandão Junior.  
 Carrelhas & Filho, Successor.  
 Manoel Ferreira Dias.  
 Manoel Soares Pinto.

### Agentes Bancarios

João José Alves Cerqueira, do Banco Commercial de Lisboa.

João da Silva Ferreira, de Joaquim Pino Leite e Pinto da Fonseca & Irmão.

Joaquim Ferreira da Silva, dos Bancos: Alliança, Minho e Commercial do Porto.

### Agentes de Seguros

Carrelhas & Filho, Successor, da Companhia «Portugal».

João José Alves Cerqueira, das Companhias «Indemnizadora» e «Probidade».

João da Silva Ferreira, da Companhia «Garantia».

Joaquim Ferreira da Silva, das Companhias «Fidelidade» e «Union y el Fenix Hespañol».

José Luiz da Silva Cerqueira, da Companhia «Internacional».

### Constructores de Fragatas

João d'Oliveira Gomes, João d'Oliveira Gomes Silvestre.

### Depositos de Azeite

Affonso José Martins, José Ferreira Malaquias, José Rodrigues Figueiredo Manoel Valente d'Almeida.

### Exportadores de Sardinha

Antonio Augusto Fragateiro, Antonio Pereira de Carvalho, Joaquim Valente d'Almeida.

### Fabricas

A Varina (conservas alimenticias)—Ferreira, Brandão & C.<sup>a</sup>, Moagem da Cereaes—Soares Pinto & C.<sup>a</sup>, Limitada Ceramica—Peixoto, Ribeiro & C.<sup>a</sup>

### Feiras Mensaes

De gado vaccum e suino a 12, de gado vaccum e cavallar a 24 e 29, e a 13 em Vallega.

### Hoteis e Hospedarias

«Cadete»—Estação, «Canastreiro»—Rua de St.<sup>a</sup> Anna, «Central»—Rua da Praça, «Cerveira»—Furadouro, «Jeronymo»—Largo do Chafariz, «Nunes Lopes»—Rua dos Campos.

### Lojas de Fazendas

João Alves—Praça, João Costa — Praça, José Garrido—Rua dos Campos.

### Mercearias

Abilio José da Silva—Ponte Nova-Francisco de Mattos—Praça, José Gomes Ramillo — Rua do Bajunco, José Luiz da Silva Cerveira — Praça, José Maria de Pinho Valente—Rua da Graça, Manoel Valente d'Almeida—Praça, Pinho & Irmão—Praça, Viuva de José de Mattos—Poça, Viuva Salvador—Largo do Chafariz, Tarujo & Laranjeira—Rua da Graça.

### Negociantes de Cereaes

Domingos da Fonseca Soares, Francisco Correia Dias, Manoel Fernandes Teixeira, Manoel da Silva Bonifacio & C.<sup>a</sup>, Salvador & Irmão.

### Recebedoria

Recebedor — Antonio Valente Compadre.

Aberta todos os dias uteis, das 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

### Tanoaria

Carrelhas—Rua das Figueiras.

### Vendedores de Cal

Manoel da Cunha e Silva Manoel d'Oliveira da Cunha.

## HORARIO DOS COMBOYS

### DO PORTO A OVAR E AVEIRO

DESDE 15 DE MAIO

Comboys	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Exp.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Cor.
S. Bento	5,19	6,35	7	8,50	9,39	1,55	2,45	3,26	5	5,10	5,58	8,45
Espinho	6,20	7,27	8	9,29	10,49	2,55	3,40	4,24	5,39	6,15	7,1	9,55
Esmoriz	6,36	7,35	8,22	—	11,2	3,11	—	4,39	—	6,31	7,18	10,4
Cortegaça	6,42	—	8,22	—	11,7	3,17	—	4,45	—	6,37	7,24	—
Carvalhara	6,43	—	8,28	—	11,11	3,23	—	4,52	—	6,43	7,31	—
OVAR	6,58	7,50	8,38	—	11,22	3,33	3,59	5,2	—	6,53	7,42	10,24
Vallega	—	7,56	—	—	11,29	—	—	—	—	—	7,49	—
Avanca	—	8,1	—	—	11,35	—	—	—	—	—	7,56	—
Aveiro	—	8,37	—	10,5	12,16	—	4,40	—	6,14	—	8,37	11,10

### DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

Comboys	Tr.	Cor.	Tr.	Tr.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Om.	Tr	Rap.	Om.
Aveiro	3,54	5,44	—	—	11,3	2,5	—	—	5,34	—	9,56	10,29
Avanca	4,37	—	—	—	11,42	—	—	—	6,12	—	—	—
Vallega	4,43	—	—	—	11,43	—	—	—	6,17	—	—	—
OVAR	4,51	6,24	7,20	10,20	11,57	—	—	—	6,17	—	—	—
Carvalhara	5,2	—	7,31	10,31	12,8	—	4,8	5,35	6,27	7,25	—	11,12
Cortegaça	5,7	—	7,36	10,36	12,13	—	4,19	5,46	—	7,36	—	—
Esmoriz	5,13	6,88	7,42	10,42	12,18	—	4,24	5,51	—	7,41	—	—
Espinho	5,30	6,47	7,59	10,59	12,34	—	4,30	5,57	6,42	7,47	—	11,36
S. Bento	6,34	7,47	9,2	11,58	1,47	2,39	4,47	6,14	6,55	8,4	10,35	11,36
						3,18	5,50	7,15	8,1	9,4	11,16	12,24